

Povos Indígenas no Brasil

Fonte FOLHA DE LONDRINA Class.: KAINGANG / PR 2002

Data 18/04/93 Pg.: _____

Vida de branco

Índios acampam no centro de Cascavel

Índios kaingang de uma reserva da Funai no Rio Grande do Sul criam 'maloca' no centro de Cascavel

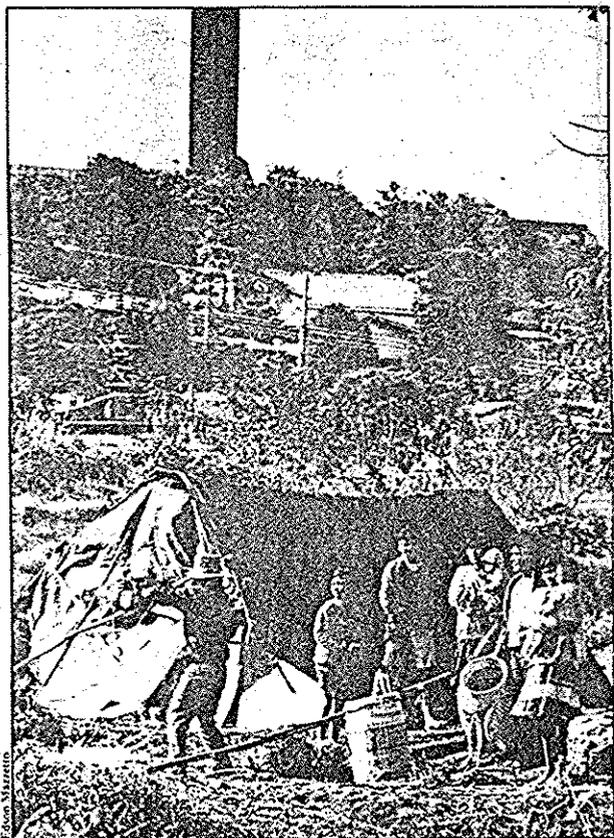
Paulo Roberto Pegoraro
Sucursal de Cascavel

Um terreno baldio no centro de Cascavel, onde havia o prédio que abrigava o "Recanto da Criança", está sendo ocupado agora por famílias de índios que deixaram a reserva da Funai para tentar sobreviver "perto dos brancos", segundo definição deles próprios. Alguns grupos que já estiveram instalados no local acabaram indo embora. Mas foram substituídos por oito índios - com várias crianças - liderados por Vitório da Silva, 21 anos.

Eles se instalaram em um barraco feito de restos de madeira e lona preta, e sobrevivem miseravelmente. O grupo, da nação kaingang, veio da Reserva de Nonoai, no Rio Grande do Sul. Até Cascavel, foram centenas de quilômetros percorridos a pé, de carona, ou em ônibus com passagens geralmente pagas por prefeituras, uma forma usada pelos municípios para se livrarem da "presença incômoda". Do barraco onde se instalaram, os índios têm a visão do centro da cidade, com modernos prédios.

Vitório e a mulher, Dominga, 19 anos, são pais de Juliana de 1 ano, carinha de assustada, porque nasceu e viveu até há pouco na reserva em meio a crianças da mesma cultura. Vitório dá explicações confusas sobre os motivos que os tiraram de Nonoai. O grupo só conversa entre si no idioma da tribo. "Na aldeia é ruim igual, é bom igual, se erra lá, paga, se erra aqui também paga", diz. Lá "também tem cacique como aqui, que é bom, e que é ruim, e que faz lei". Os "brancos" não devem se preocupar com a presença do grupo na cidade: "Nós não deixamos cidade maltratada. Gostamos de branco que ajuda. Na aldeia não tem ajuda".

Outro índio que faz parte do gru-



Os kaingang querem sobreviver "perto dos brancos": "Funai não tem ajuda"

po demonstra agressividade, alimentada por muita cachaça. Só resmungam em seu idioma e dá a enten-

der que os visitantes não são tidos como "amigos", mas sim confundidos com "Imprensa, Polícia, que-

rem tirar a gente daqui". Explicar que Imprensa não é Polícia e não tem interesse nem autoridade para mexer com eles, não convence. A resposta é um arco retesado, com uma flecha pontiaguda perigosamente apontada para o interlocutor. Vitório entra na parada, procurando acalmar o companheiro. Na verdade, a agressividade é típica do choque de culturas e situações sociais muito diferenciadas.

O grupo produz balaios de vime e outras peças de artesanato com matéria-prima obtida em uma propriedade rural em troca de balaios para colheita de milho. Cada balaio custa Cr\$300 mil e arco e flecha saem por Cr\$150 mil. Famílias de "brancos" que moram nas proximidades dão comida e roupa - especialmente de frio, que é intenso na região nos últimos dias. Eles andam descalços. "Na aldeia também não usa sapato", diz Vitório, garantindo que nem as crianças sentem frio. Para pessoas que ajudam, ele agradece: "Elas pensam pelo bem da nação, Deus vai recuperar para elas". Voltar para a reserva? "Não é bom. Tem índio bom e tem ruim, como branco, e branco então é melhor".

Da Funai, eles não esperam nenhum tipo de ajuda, segundo o líder da pequena tribo. "Funai não tem nada pra ajudar a gente". A Prefeitura de Cascavel já tirou do local algumas famílias de índios, também vindos de Nonoai, e tenta agora "despachar" o novo grupo oferecendo passagens de ônibus. A preocupação é que mais índios resolvam se instalar em barracos ali ou em outros locais da cidade, abrindo novas frentes de favelamento. Já há milhares de "brancos" favelados, que absorvem integralmente as ações do serviço de assistência social municipal.